

O «PADRE RABECÃO» OFICIAL DOS CORREIOS...

Na baixa imprensa portuguesa do período calamitoso de 1834 a 1851 medrou em Lisboa um curiosíssimo jornalista, conhecido pelo *Padre Rabecão*, que teve bastantes leitores àvidamente interessados na sua prosa virulenta e nem sempre elegante.

Porque este escrevinhador alinhou por algum tempo nas fileiras dos Correios, não será de todo desinteressante recordá-lo nas páginas do nosso *Guia Oficial*.

João Cândido de Carvalho, que assim se chamava o nosso *herói*, nasceu na linda vila alentejana de Castelo de Vide, no ano de 1803. Por inclinação própria, ou por imposição da família, não sabemos, entrou muito novo ainda num convento franciscano, onde veio a professar e onde se preparou para o sacerdócio com notável aproveitamento, chegando a receber ordens sacras de diácono.

Leccionava filosofia racional, moral, e física geral

num mosteiro da sua ordem, em Évora, quando o vendaval das lutas políticas o arrastou para o campo adverso ao da maioria dos religiosos do seu tempo. Da sua audácia resultaram-lhe os percalços de que ele mesmo dá conta mais tarde num dos seus vários requerimentos... *cheio de trabalhos com três anos de escondido e quase outros três preso nas cadeias do Limoeiro...*

Abertas as portas da prisão com a entrada em Lisboa do exército de D. Pedro IV, no dia 24 de Julho de 1833, correu o ex-frade a alistar-se na brigada real de marinha, onde serviu até ao fim da campanha, no ano imediato, tendo tomado parte nas acções de Caminha, Viana, Valença, Ourém, etc.

Terminadas as lutas civis, concorreu a um lugar de praticante dos Correios, para que veio a ser nomeado em Fevereiro de 1835, *em vista da decidida superioridade do seu merecimento, e pelos serviços que mostrou ter feito à causa da Pátria* (diz o Sub-Inspector Geral); mas, como o lugar lhe dava apenas 3 dias de trabalho por semana, à razão de 600 réis por dia, pediu que lhe não fosse aplicada a lei que mandava suspender a pensão de 240 réis aos egressos que aceitassem lugares públicos.

A pretensão não foi deferida, mas, como compensação, promoveram-no a oficial do mesmo quadro de Correios, em Dezembro desse ano.



Padre João Candido de Carvalho
(vulgo 'Babecão')

(gravura do livro «Eduardo ou os Misterios do Limoeiro»)

Cândido de Carvalho — como quase todos os frades seus contemporâneos que aproveitaram a perseguição às ordens religiosas para abandonar as anteriores crenças, e enfileirar com os perseguidores — era pessoa pouco grata e de nenhuns escrúpulos; e, como tal, logo no início da carreira burocrática começou a morder a mão que o guiara, e a maldizer tudo e todos, embora lhe faltasse por completo a autoridade, como se vai ver.

Ainda em 1835, antes mesmo de ser promovido a oficial, foi suspenso durante três meses, como autor de um artigo publicado no periódico *O Diabrete*, em que insultava e caluniava o «Chefe da Repartição das Cartas do Reino».

No ano seguinte, Agosto de 1836, descobre-se que subtrai do Correio grande número de cartas, sem pagamento de portes — então liquidados pelos destinatários — e que vai distribuí-las, de casa em casa, recebendo em seu proveito não só os referidos portes mas também os 5 réis que se cobravam pela entrega domiciliária de cada carta. Ouvidas várias testemunhas, identifica-se o distribuidor clandestino... *um indivíduo alto e magro, picado de bexigas, envergando sobrecasaca azul forrada de branco, com botões amarelos e calça com lista dos batalhões.* A acusação fica suficientemente comprovada, e dela resulta a imediata suspensão do prevaricador.

Desculpando-se mal, requere à Rainha o levantamento da pena, o que consegue, em Novembro do mesmo ano, em atenção *aos seus relevantes serviços...* Mudam-no, porém, para outra Secção.

Esta benevolência não o impede de continuar a descompor superiores e colegas no jornal de que é proprietário; mas tanto usou e abusou da linguagem despejada, que em 1 de Fevereiro de 1839 foi demittido como consequência de um artigo do mesmo jornal, em que punha pelas ruas da amargura os membros da Junta Administrativa do Correio Geral, porque estes lhe fizeram saber que não seria abonado nas faltas por doença, justificadas com atestado médico, uma vez que era visto com frequência na rua a tratar da sua vida particular.

Durante muito tempo, depois de demittido, raro foi o número do periódico em que Cândido de Carvalho não zurziu o Sub-Inspector Geral dos Correios e outros funcionários superiores, acusando-os de mil e uma faltas que a sua desbragada fantasia imaginava.

Deixando a vida burocrática, entregou-se quasi exclusivamente ao jornalismo satírico e verrioso, a ninguém poupando na sua fúria demolidora. Proprietário e talvez único redactor dos jornais *O Cortador*, *O Azorrague*, *O Democrata* e *O Rabecão*, foi este último o que teve mais nomeada, a ponto de

Cândido de Carvalho ser mais conhecido pelo *Padre Rabecão*.

Tantas querelas por abuso de imprensa lhe promoveu o Ministério Público, e tantas foram as multas que destas querelas resultaram, que o ex-frade, na impossibilidade de as pagar, foi malhar com os ossos ao Limoeiro, por longos meses. Aí escreveu o romance intitulado «*Eduardo, ou os mistérios do Limoeiro*», que despertou grande interesse, por trazer a público a vida miserável das cadeias dessa época.

Com pasmo de toda a gente, em 1851 o *Padre Rabecão* volta ao seio da igreja e ordena-se de presbítero. Em 1855 vai paroquiar a igreja de Santo Estêvão de Alfama, e torna-se pregador de categoria, solicitado para inúmeras solenidades religiosas, tanto na capital como no resto do país. Vítima da epidemia de febre amarela, veio a falecer em Vila Franca de Xira a 14 de Novembro de 1857.

Além de colaboração dispersa em diferentes jornais, publicou e dirigiu os jornais já referidos:

— *O Cortador* — 1837 — durou pouco.

— *O Azorrague* — jornal do povo — de Agosto de 1838 a Junho de 1839.

— *O Democrata* — jornal do povo, continuação de *O Azorrague* — publicou-se de Junho de 1839 a Agosto de 1840.

— *O Rabecão* — de 1846 a 1848.

E escreveu:

— *O Rebedor* — drama em 1 acto, levado à cena no Teatro do Salitre, na noite de 23-7-1839.

— *Eduardo, ou os mistérios do Limoeiro* — romance em 4 tomos — Lisboa, 1849. (Teve mais edições).

— *Memórias de um frade, ou os mistérios do claustro* — romance original. Dos 8 tomos que devia ter esta obra, só se publicaram os dois primeiros e parte do terceiro, de 1849 a 1851, porque neste último ano o autor resolveu voltar ao seio da igreja, com acima dissemos.

— *Oração fúnebre nas exéquias de Sua Magestade a Senhora D. Maria II* — Lisboa, 1854.

— *Sermão da Imaculada Conceição de Maria Santíssima* — por ocasião da definição do dogma. Prègado na Igreja de N. S. das Mercês. Lisboa, 1855.

Janeiro de 1949.

1799 - 1 DE ABRIL - 1949

150 ANOS DE ADMINISTRAÇÃO DO CORREIO PELO ESTADO

No dia primeiro deste mês passa o 150.º aniversário da reincorporação dos serviços do Correio na administração do Estado, depois de, durante quase dois séculos, terem constituído património da família Gomes da Matta.

Segundo a carta de venda do officio de correio-mor, em 1606, Luís Gomes da Mata deu pelo apetecido lugar a elevada soma de 70.000 cruzados, que bem bom arranjo fizeram às depauperadas finanças de Filipe II de Portugal e III de Espanha. A penúria da administração espanhola, no reinado deste Filipe, atingiu tal acuidade que, diz Lafuente na sua magnífica *História General de España*, socorrendo-se de um testemunho da época:

«Su Majestad no tiene de presente (1601) con qué pagar los gajes de sus criados, ni se les dá racion,